

| **Luis Miguel Rocha** |

Nasceu no Porto em Fevereiro de 1976. Cresceu entre Viana do Castelo e Londres e, terminado o liceu, foi para Londres onde trabalhou como guionista para uma produtora que fazia conteúdos. Tem apenas o 12º ano, mas tenciona agora fazer um curso superior, pois o Vaticano exige-o para permitir o acesso aos arquivos. O seu sucesso permitiu-lhe deixar de trabalhar e agora dedica-se a escrever ou a promover os seus livros em Portugal e no estrangeiro. Fã confesso de Saramago, diz que tem pouco tempo para ler ficção, dedicando-se sobretudo à leitura de ensaios como preparação para os seus livros. Publicou "Um País Encantado" (Planeta), "O Último Papa" (Saída de Emergência), "Bala Santa" (Paralelo 40), "A Virgem" (Mill Books) e "Mentira Sagrada" (Porto Editora).

Mentiras sagradas

Nasceu no Porto e tornou-se num dos mais bem sucedidos autores de thrillers de temática religiosa. Na sequência de “Mentira Sagrada”, Luís Miguel Rocha fala-nos da sua carreira, da sua forma de lidar com as editoras, percorrendo uma estreita linha entre a verdade e a ficção.

De onde vem o seu interesse pela escrita?

Sempre me interessei pela escrita. Claro que primeiro tive interesse pela leitura. Aos 16 anos, estava a ler o “Memorial do Convento” e pensei que podia fazer igual. Então fiz um capítulo, dei aos meus colegas, eles não perceberam nada do que estava lá escrito, e senti-me satisfeito. Dez anos mais tarde, reli esse texto, decidi continuá-lo e, actualmente, é “Um País Encantado” (Planeta Editora), que ainda hoje não está completo.

Ainda tenciona completá-lo?

Quando me deixarem; não será, necessariamente, uma trilogia, mas pelo menos um livro que o conclua. Neste momento, não tenho tempo para finalizar esse projecto. É o meu ambiente favorito, é o que gosto de escrever – um pouco de exagero dentro da história, com um narrador muito participativo –, mas, agora, não tenho disponibilidade.

Embora já tivesse escrito esse livro, foi com “O Último Papa” que se tornou conhecido.

“O Último Papa” quando explodiu no mercado nem sequer existia. Havia apenas 30 ou 40 páginas, não havia mais nada; e quando a minha agente sai de Frankfurt com cerca de 20 editoras interessadas, isto em 2005, aí, tive de concluir o livro.

Só com um livro publicado em Portugal, e sem grande sucesso, porque é que tinha uma agente internacional?

Contactei-a pela Internet. Comecei a contactar agentes para “O Último Papa”, não para “Um País Encantado”.

Eu tinha noção dos limites de “Um País Encantado” enquanto tema que agradasse a editores estrangeiros, percebi que não era por aí. Mas “O Último Papa” tinha essa potencialidade. Na minha opinião, um autor não deve contactar editores, deve contactar agentes, que por sua vez contactam os editores. Os agentes são a parte legal e comercial do autor. Este deve criar e promover, não tem de fazer mais nada.

É assim que rege a sua relação com as editoras portuguesas, por exemplo?

Exactamente. Aliás, as editoras portuguesas, neste caso a Porto Editora (mas já foram mais), negociaram tudo com a minha agente e eu só dei a minha opinião final.

Quando é que começou a agir assim?

Só desde “O Último Papa”. Aliás, toda a relação com a Saída de Emergência continua a ser feita através de agentes e não pessoalmente.

“O Último Papa” chamou atenção por que alegava a existência de documentos secretos...

Às vezes, basta um momento e muda-nos a vida. Eu conheci alguém, que trato por JC, que estava bastante envolvido nessa trama, não só de Albino Luciani [Papa João Paulo I], mas também de outros assuntos posteriores e anteriores. No mês em que morreu João Paulo II, ele contou-me a história do que levou à morte de João Paulo I. Fiquei interessadíssimo, e na altura não me importava se havia documentos, eu queria era contar aquela história. Claro que a

ENTREVISTA
Filipe d'Avillez

FOTOS
Artur

partir do momento em que é corroborada com provas documentais, fiquei mais tranquilo e, ao longo destes últimos anos, tenho visto que o próprio Vaticano tem um respeito pelos meus livros muito diferente do que tem por outros. Um jornalista italiano disse que o Vaticano lê os meus livros e o silêncio significa mais respeito do que reprovação.

É assim que entende o silêncio do Vaticano quanto aos seus livros?

Isto é uma questão de informação e de quem a controla, não só a nível do Vaticano, mas a nível da sociedade – quem tem informação, tem o poder. Neste caso, nestas matérias específicas de João Paulo I e João Paulo II, não é o Vaticano que controla a informação e, como tal, não se sente à vontade para criticar. Eu bem queria! Se algum bispo ou cardeal dissesse mal do meu livro, era sinal de vendas garantidas.

O Vaticano é uma instituição muito atenta ao que se passa cá fora. É de todos os sistemas que existem, a organização mais bem estruturada, mais bem preparada e tem tudo muito bem montado. Eu sou um grande admirador do Vaticano.

Porque é que o JC foi ter consigo e não com alguém mais conhecido?

Ele não veio ter com um “autor português”, ele veio ter com um amigo. Depois, eu é que decidi escrever o livro. Podia ter sido outra pessoa. Ainda pode! Pode ser outra pessoa que volte a escrever, de uma maneira diferente, respeitando os factos.

Há muitos cépticos...

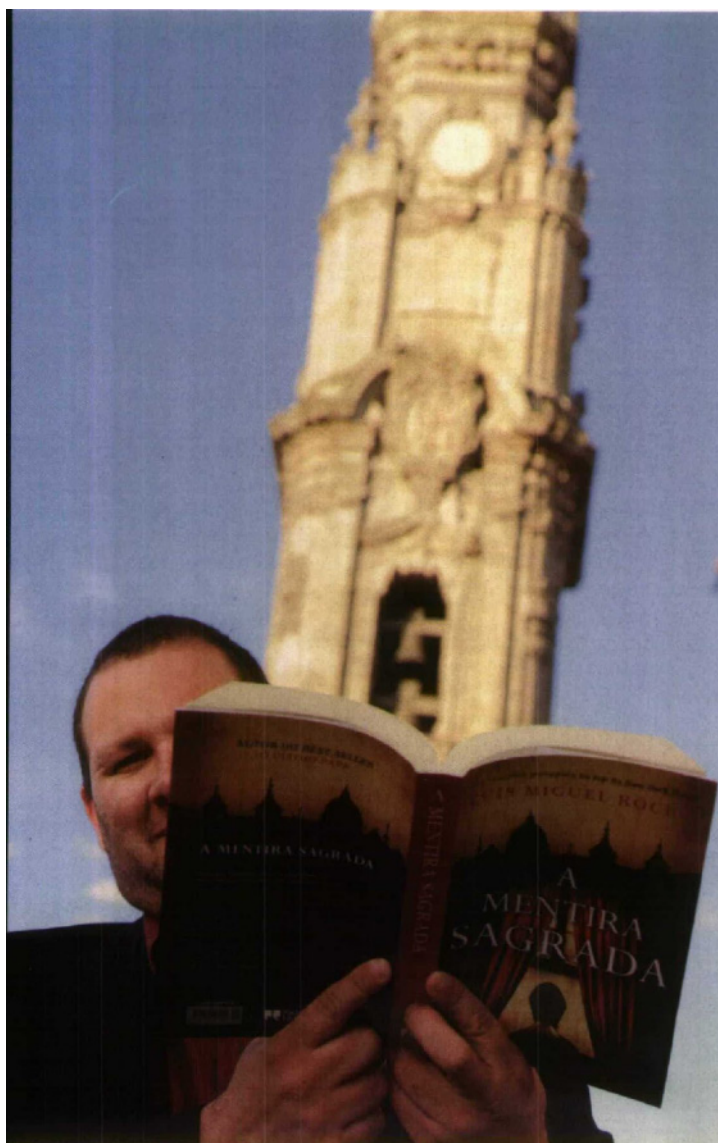
Acho muito bem.

Esses documentos não iam ser analisados por jornalistas ingleses e italianos?

Em “A Bala Santa”, está especificado que os documentos serão publicados dez anos após a morte de JC. Essa morte aconteceu em 2007, por isso, vamos ter de esperar por 2017.

Quando saiu “A Bala Santa”, dizia-se que Hollywood já tinha comprado os direitos cinematográficos de “O Último Papa”, e que o filme sairia em 2009.

Às vezes, não controlamos o que os editores colocam nos livros e, por isso, as coisas saem com informações erradas. É verdade que estamos em negociações extremamente complexas. Vamos ver, não estou de modo algum pressionado para que isso aconteça. Claro que gostava, mas se for para a frente, não vou ter qualquer participação



no processo, nem me interessa. São duas formas de arte distintas e não me interessa participar nisso.

Para "O Último Papa", falou-se também de uma nota de contracapa de Dan Brown, que nunca se materializou.

Isso foi culpa minha, não devia ter falado disso antes de acontecer; as pessoas, às vezes, melindram-se com isso.

Mas houve mesmo essa leitura da parte dele?

Houve, mas depois recebi uma notificação a dizer que essa crítica não ia acontecer... paciência. Mas eu fui lançado às feras, em 2006, sem grande rede. Agora considero que tenho um pouco mais de experiência, mas, na altura, foi inexperiência da minha parte e assumo.

A dada altura, anunciou ainda que tinha sido convidado para escrever um artigo de opinião no New York Times, mas também nunca saiu.

Isso foi muito simples. Foi o meu editor da Putnam que me convidou, lançando o repto que o editor do New York Times lhe tinha lançado a ele. Mais tarde, o editor do NYT achou que o texto estava demasiado duro e perguntou se eu não o podia modificar. Mas eu recusei. Na altura, mais um erro da minha parte. Anunciei antes de as coisas se concretizarem; houve pessoas que levaram a mal, achando que nada disto era real.

Recebo, recorrentemente, um mail do homem que faz a segurança do Vaticano a perguntar qual o próximo livro que estou a escrever

Posteriormente, escreveu "A Bala Santa", um género muito parecido com "O Último Papa". Qual é a história?

É sobre o atentado de Ali Agca a João Paulo II em 1981. Conta porque é que as coisas aconteceram, a razão daquele atentado, que obviamente era para matar, não era para ferir. E refere-se a toda a carga, de certa forma misteriosa, da bala santa, que falhou os órgãos vitais e que levou João Paulo II a acreditar que tinha sido Nossa Senhora a desviar a bala. E não está provado que não tenha sido.

Teve algum contacto com Ali Agca?

Agora que ele saiu da cadeia, quer à viva força falar

comigo. Mas uma pessoa que diz coisas diferentes todos os dias, há 30 anos, não merece qualquer credibilidade, daí que sinto que não preciso de falar com ele para me contar uma história que já conheço.

Se os livros têm tantos elementos verdadeiros, isso deve incomodar muita gente. Nunca sentiu pressão para não escrever? Ameaças?

Ameaças, não. Recebo, recorrentemente, um mail do homem que faz a segurança do Vaticano a perguntar qual o próximo livro que estou a escrever, e eu explico. Por isso é que eu digo que eles estão muito atentos ao que se passa. Inclusivamente, já me convidaram para ir ver o Vaticano, ver como funciona a segurança. Eu não sou persona non grata no Vaticano, muito pelo contrário. Eu acho que o Vaticano precisa de livros destes.

E agora temos "Mentira Sagrada". Um trabalho diferente?

"Mentira Sagrada" pretende compilar tudo o que a arqueologia e os historiadores, sobretudo os da Universidade de Jerusalém, andam a compilar sobre o Jesus histórico. Não o que vem na Bíblia, mas sobre a personagem física que poderá ter existido, e eu acredito ter existido.

E quanto ao jogo entre a realidade e a ficção?

Obviamente é um thriller, é para as pessoas se divertirem e tirarem o maior prazer da história - é esse o meu objectivo sempre. Mas é uma porta aberta para um novo Jesus, para se conhecer tudo o que se está a investigar sobre esta personagem, sobre a história de Jesus e a história de Jerusalém naqueles anos. Se o leitor quiser aprofundar conhecimentos sobre este assunto, há artigos científicos e ensaios, penso que ainda não em português, mas em inglês, que tratam de forma científica as coisas incluídas neste livro.

Mas quanto às afirmações do livro, de que Jesus não foi crucificado, e que escreveu um Evangelho, não faz pretensões de isso ser verdade?

Existe um Evangelho que os académicos chamam Evangelho de Jesus, que é um banqueiro israelita que o possui em Londres. Alguns académicos já o viram e já o leram. Eu próprio vi o documento, mas não entendo a língua. Dizerem-me que aquilo é o Evangelho de Jesus ou a chave do Totobola é o mesmo. Segundo esses académicos, o Evangelho de Jesus termina antes da crucificação, por isso fica tudo na mesma. Nos meus livros, nunca entro pela religião nem pela fé. Não me atrevo a mexer com a fé das pessoas, é proibido para mim. ¶